
**FORMAR PARA MUDAR E NÃO PARA ACOMODAR: PESQUISANDO O
COTIDIANO E A CIBERCULTURA EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE**

**TRAINING TO CHANGE AND NOT TO ACCOMMODATE: RESEARCHING EVERYDAY LIFE
AND CYBERCULTURE IN POST-TRUTH TIME**

**FORMAR PARA CAMBIAR Y NO PARA ACOMODAR: INVESTIGANDO LA VIDA COTIDIANA
Y LA CIBERCULTURA EN TIEMPOS DE POSVERDAD**

Wallace Carriço de Almeida¹
Edméa Oliveira dos Santos²

RESUMO

Relatamos a experiência de pesquisa com o dispositivo Reglus, na compreensão do contexto da emergência das fake news e suas repercussões na contemporaneidade para atuar na formação docente para atuar em tempos de pós-verdade. Partimos das noções de fake news, desinformação e pós-verdade (SANTAELLA, 2018) para o diálogo com um repertório teórico-metodológico situado na multirreferencialidade (ARDOINO, 1998), nas pesquisas com os cotidianos (CERTEAU, 2008; ALVES, 2009, 2019) tendo como método e opção política uma prática de pesquisa que promove uma imersão e ação de co-autoria no campo, formando e se formando no intercâmbio com os praticantes culturais (SANTOS, 2005, 2019). O campo da pesquisa foi o cotidiano da disciplina “Informática na Educação” do curso de Pedagogia a distância pela UERJ/CEDERJ/UAB vivido em perspectiva de investigar como essa guerra de narrativas vem modificando as formas de atuação e formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa-formação na cibercultura; Docência Online; Fake News; Paulo Freire

ABSTRACT

We relate the research experience with the Reglus device, in understanding the context of the emergence of fake news and its repercussions in contemporary times to act in teacher training to act in post-truth times. We start from the notions of fake news, disinformation and post-truth (SANTAELLA, 2018) for the dialogue with a theoretical-methodological repertoire situated in multi-referentiality (ARDOINO, 1998), in research with

Submetido em: 15/06/2022 – **Aceito em:** 12/08/2022 – **Publicado em:** 14/03/2023

¹Doutor em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares - PPGEduc UFRRJ. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPEd UERJ, Professor de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ) e Mediador da disciplina Informática na Educação, do curso de Pedagogia a distância da UERJ, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj) / Consórcio CEDERJ. Pesquisador do do Grupo de Pesquisa GPDOC/UFRRJ. Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/6246998456973189> <https://orcid.org/0000-0003-4593-554X>

² Professora Titular-Livre da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Líder do GPDOC - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/4023554724278836>. <https://orcid.org/0000-0003-4978-9818> Sites institucionais: <http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/ppgeduc/>, www.proped.pro.br. Ambiente Virtual: www.docenciaonline.pro.br. E-mail: edmeabaiana@gmail.com

everyday life (CERTEAU, 2008; ALVES, 2009, 2019).)) having as method and option a research practice that promotes a policy of co-self-field action, forming and exchanging with the cultural ones (SANTOS, 2005, 201). The field of research was the daily life of the discipline “Informatics in Education” of the distance Pedagogy course at UERJ/CEDERJ/UAB, lived in the perspective of investigating how this war of narratives has been modifying the forms of performance and teacher training.

KEYWORDS: Research-training in cyberculture; Online Teaching; Fake News; Paulo Freire

RESUMEN

Reportamos la experiencia de investigación con el dispositivo Reglus, en la comprensión del contexto del surgimiento de fake news y sus repercusiones en la contemporaneidad para actuar en la formación docente para actuar en tiempos de posverdad. Partimos de las nociones de fake news, desinformación y posverdad (SANTAELLA, 2018) para dialogar con un repertorio teórico-metodológico situado en la multirreferencialidad (ARDOINO, 1998), en la investigación con la cotidianidad (CERTEAU, 2008; ALVES, 2009, 2019) teniendo como método y opción política una práctica investigativa que promueva una acción de inmersión y coautoría en el campo, formando y formando en el intercambio con los practicantes culturales (SANTOS, 2005, 2019). El campo de investigación fue el cotidiano de la disciplina “Informática en la Educación” del curso de Pedagogía a distancia de la UERJ/CEDERJ/UAB vivido en perspectiva de indagar cómo esta guerra de narrativas ha ido modificando las formas de actuación y formación docente.

PALABRAS CLAVE: Investigación-formación en cibercultura; enseñanza en línea; Noticias falsas; paulo freire

O epicentro de uma infodemia e sua implicação para a docência no digital

Este artigo pretende revelar alguns dos movimentos que estamos fazendo na vivência com o dispositivo de pesquisa-formação Reglus, que atua de modo a desenvolver uma nova proposta de formação docente para as mídias com professores em contexto de educação online. Uma perspectiva importante quando se considera a educação não somente como afirmação da liberdade, mas como um instrumento de defesa e de conscientização democrática.

Com uma média equivalente a quatro vezes a mundial por milhão de habitantes, a mortalidade por Covid-19 no Brasil concentrou 11% de todos os óbitos pelo vírus em nosso planeta. Resultando em mais de 630 mil mortos e mais de 30 milhões de casos, 6,7% dos registros da doença em todo o mundo, esses números revelam a dimensão do desastre que atravessou a vida de milhões de brasileiros. A partir do levantamento dos dados do Boletim do Observatório Covid-19 Fiocruz³, entendemos que embora as variantes tenham sido determinantes para o curso da pandemia, “elas não se propagam e produzem desastres em um

³ Boletim Covid - Balanço de 2 anos da pandemia. Publicado em 9 de janeiro de 2022. Fonte:

<https://bit.ly/boletimcovidfc>

vazio” (p. 1). Desse modo, é preciso entender o contexto social, econômico, mas principalmente político responsável pela propagação desmensurada do vírus em nosso país.

O não enfrentamento da pandemia, que resultou na incapacidade para oferta de soluções efetivas, pautadas na ciência e inspiradas naquilo que os outros países já vinham sofrendo e resolvendo em antecedência, ocorreu de forma intencional, quando ainda não se havia formado uma frente ampla pela defesa do SUS e pela vida dos brasileiros. Mesmo assim, os primeiros passos para o monitoramento e vigilância da pandemia começaram a surgir. Mais de um mês após o primeiro caso, e ainda descentralizadas, as medidas de distanciamento físico eram adotadas com a quarentena e com fechamento dos serviços não essenciais.

Neste período, apesar da adesão inicial da população ao distanciamento físico, houve um gradativo declínio desta estratégia, que foi, de forma organizada e sistemática, desqualificada como medida fundamental de redução da exposição e proteção coletiva. Contribuiu para isto a ausência de campanhas governamentais de incentivo coordenadas e articuladas em todos níveis (federal, estadual e municipal), e de combate as denominadas fake news (BRASIL, 2022, p. 2).

De forma variada, mas agora centralizada, foi então coordenado o uso do motor de desinformação e ódio. Não foi a toa que os brasileiros escolheram deixar o distanciamento físico. Além da insegurança alimentar proporcionada pela ausência de políticas públicas durante o período, as fake news inundaram as redes provocando a população a sair às ruas para garantir o seu sustento e garantindo que a proteção viria por medidas milagrosas ou absurdas, mas todas com a mesma conclusão: não era o governo o responsável pela solução.

Identificaram-se 339 fake news relacionadas à pandemia de COVID-19. Dessas, excluíram-se 10 duplicatas. Sendo assim, 329 fake news foram analisadas (253, ou 76,9%, do G1; e 76, ou 23,1%, do site do Ministério da Saúde)[...] Entre as 10 fake news selecionadas para uma análise mais detalhada, quatro eram sobre formas de tratamento, como a utilização de alimentos milagrosos (por exemplo, feijão da Igreja Mundial e ingestão de enxofre). A hidroxiquina e o chá de erva-doce apareceram mais de uma vez em épocas diferentes (BARCELOS et al., 2021, p. 3,4).

Desse modo, a Hidroxiquina se torna a bandeira que milhões de brasileiros elegeam carregar ao invés da vacina. Esta última, não estaria disponível até o ano seguinte, pois sua

compra havia sido ignorada⁴ e ainda seria criticada⁵ ao ter sua eficácia questionada publicamente pelo próprio presidente. Uma política que garante que ainda hoje, 96% das mortes por Covid-19 sejam de pessoas não imunizadas⁶ e resulta no processo de caricaturização do debate científico pela manifestação de uma vontade de negar a realidade em perspectiva de alienação. De que a crise de agora não é tão pior que a anterior, ou que o inimigo atual é apenas mais um dos desdobramentos do embate de sempre, de que o "comunavírus"⁷, o vírus do comunismo, é finalmente o responsável por enclausurar milhões de brasileiros em “campos de concentração domésticos”⁸.

O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime está muito além disso. Eis alguns dos sentidos que nela se exprimem. O invisível todopoderoso tanto pode ser o infinitamente grande (o deus das religiões do livro) como o infinitamente pequeno (o vírus) [...] Apesar de omnipresentes, todos estes seres invisíveis têm espaços específicos de acolhimento: o vírus, nos corpos; deus, nos templos; os mercados, nas bolsas de valores. Fora desses espaços, o ser humano é um ente sem-abrigo transcendental (SANTOS, 2020, p. 10).

O inimigo invisível, é mais uma vez então manifestado para justificar a conjuração dessa nova face da corrupção. Assim como na ditadura, o recurso discursivo de se usar imagens e ditos do sagrado volta a ocorrer para se criar a manipulação quase perfeita da verdade. O mito vem então unir os templos, os corpos e o mercado para opor e substituir os anseios gerais da nação, mas em troca, promete o acolhimento da causa que assombra aquele que é “cidadão de bem”, a de perseguir para evitar a perseguição.

A figura do chamado “cidadão de bem” constitui um tipo de estratégia discursiva ideológica e expressa uma patologia social da cidadania brasileira. [...]

⁴ CPI da Covid: executivo da Pfizer confirma que governo Bolsonaro ignorou ofertas de 70 milhões de doses de vacinas. Fonte: <https://bbc.in/3zEFwFC>

⁵ Bolsonaro ataca a vacinação e questiona a honestidade da Anvisa; comunidade médica repudia. Fonte: <http://glo.bo/3QqmHvy>

⁶ No Brasil, 96% das mortes por Covid-19 são de quem não tomou vacina; só imunização coletiva pode controlar a pandemia. Fonte: <https://bit.ly/butantan96>

⁷ Covid-19: Ernesto Araújo denuncia 'comunavírus' e ataca OMS. Fonte: <http://glo.bo/3OdWJJS>

⁸ Mensagem do governo com alusão ao nazismo agride vítimas do Holocausto, diz rabino. Fonte: <https://bbc.in/3mLBXWx>

Identificamos contradições e problemas decorrentes do uso retórico da figura do “cidadão de bem” relacionadas: ao apelo punitivista e por armas de fogo para civis; às representações ideológicas de gênero, raça e classe; à função social da mídia; e ao neoconservadorismo político. A contradição fundamental do “cidadão de bem” não é em relação à figura do “bandido” ou “vagabundo”, mas ao próprio ideal de universalização da cidadania. Enquanto expressão da ideologia, o “cidadão de bem” se revela um verdadeiro anticidadão e, portanto, um risco para a democracia (COSTA, 2021, p. 1).

Esse tipo de estratégia discursiva ideológica não é nova e revela apenas mais uma patologia social da cidadania brasileira: a ilusão de que é preciso defender essa forma de vida ética no Brasil, ainda que esta seja racista, homofóbica, elitista e fascista. Mas a cruel pedagogia do vírus⁹ nos revela uma outra situação: a de que a pandemia em si não se contrapõe exatamente ao estado de normalidade. O inimigo invisível do vírus aqui combatido, não é apenas aquele que continua a assombrar até mesmo aqueles que negavam sua existência e hoje ocupam uma vaga numa UTI, mas a escalada negacionista em si. O uso de organismos estatais em sua defesa e o entranhamento de suas pautas no cerne de nossa sociedade através de mídias alternativas revelam como um excesso de informações, algumas precisas enquanto muitas outras não, podem dificultar encontrar fontes confiáveis e informação verificada quando se precisa. Principalmente em tempos de crise.

Existe um debate nas ciências sociais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade, de funcionamento corrente, ou em situações excepcionais, de crise. Talvez os dois tipos de situação sejam igualmente indutores de conhecimento, mas certamente que nos permitem conhecer ou relevar coisas diferentes. Que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do coronavírus? A normalidade da exceção. A actual pandemia não é uma situação de crise claramente contraposta a uma situação de normalidade. Desde a década de 1980– à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do sector financeiro–, o mundo tem vivido em permanente estado de crise. Uma situação duplamente anómala. Por um lado, a ideia de crise permanente é um oxímoro, já que, no sentido etimológico, a crise é, por natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas. Por outro lado, quando a crise é passageira, ela deve ser explicada pelos factores que a provocam. Mas quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica tudo o resto (SOUZA SANTOS, 2020, p. 5).

⁹ A Cruel Pedagogia do Vírus. Boaventura de Souza Santos.

Nesse contexto, a propagação de rumores e teorias da conspiração, além da manipulação deliberada de informações em rede se alastra mais rapidamente, e como uma patologia viral, pode afetar definitivamente os aspectos da mente e, ultimamente, a saúde atentando contra a vida das pessoas¹⁰. A isso chamamos infodemia. Soma-se ao fenômeno o estado permanente de crise, ampliado pela pandemia, para encontramos a fundamentação ideológica que gera o combustível que movimenta todo o resto.

Nessa conjuntura, já vínhamos experimentando o crescimento astronômico dos aplicativos do Facebook e do WhatsApp antes mesmo das eleições de 2018, quando eles se tornaram a maneira definitiva de ler e compartilhar notícias pelos brasileiros¹¹. De modo que através dos quais foi possível organizar e garantir a eleição de uma massa de conservadores entre os deputados estaduais ou federais mais votados¹², como também a eleição do atual presidente em uma campanha repleta de *fake news*¹³.

Assim a infodemia da covid-19 não se limita as vidas ceifadas pelo vírus, nem mesmo ao coletivo de milhões de brasileiros contaminados. Ela busca se estender pelas redes em busca de novos hospedeiros e parasitar suas bolhas, se replicar, para, assim, gerar outras partículas virais em uma nova forja de vetores. Que impelidos por qualquer novo discurso que prometa valorizar sua liberdade, vão extrapolar o direito de liberdade de expressão e desfigurar os limites da privacidade para tornar essas barreiras cada vez mais flexíveis. Desse modo, o discurso nacionalista contemporâneo, ameaçador e altamente popular busca perpetuar seu poder através do discurso da autoridade, esquecendo a importância da veracidade do argumento na construção do pensamento, não incentivando o indivíduo comum a ter seu próprio entendimento, a construir argumentos autorais, para encorajá-lo a pensar e a se orientar conforme os padrões negacionistas das bolhas que os reproduzem.

¹⁰ Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19. Fonte: <https://bit.ly/pahoinfodemia>

¹¹ Relatório do ano de 2019. Fonte: <https://bit.ly/reutersdmr2019>

¹² Fonte: <http://bit.ly/eleicoesyoutube>

¹³ “90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news”. Fonte: <https://bit.ly/90percentofake>

Em meio a redes de ceticismo, como validar as evidências que comprovam a verdade? Ainda existe espaço para a verdade? De que verdade estamos falando? O ineditismo do fenômeno se situa, na produção de novos espaços de disseminação de informação na forma de aplicativos, algoritmos e redes. Enquanto o fato não clama por si mesmo e precisa ser contextualizado, explicado e simplificado para fazer sentido, a mentira se transmite de forma ininterrupta e em alta proporção. Investindo pesadamente em novos dispositivos de distorção da realidade, em novos intérpretes de propagação e na ampliação da cacofonia nas formas de transmissão, a “mentira organizada” em interfaces de mobilidade atua em fluxo constante. Desse modo, não podemos mais ficar estáticos, principalmente quando estamos às vésperas de um novo processo eleitoral que se demonstra cada vez mais frágil e ameaçado como nunca antes.

Vivendo em um momento onde a opressão não tem pressa para terminar e pela história recente de ataques à educação no convívio com técnicas onde não falha a vigilância, que implicamos nossa proposição radical de pesquisa-formação: conectar a docência com a vivência crítica da cibercultura para possibilitarmos transformação da sociedade tendo como protagonista o professor. Nesse sentido, vivenciamos, discutimos, criamos e analisamos as experiências nos ambientes virtuais e nas salas de aulas do curso de graduação em Pedagogia da UERJ compreendendo como a proposição de uma educação para a verificação de fatos pode contribuir para a formação do educador em tempos de pós-verdade.

Partindo dessas considerações iniciais onde procuramos trazer o estado do fenômeno e suas implicações para a docência na contemporaneidade, o texto está organizado em mais duas outras partes conforme demonstramos a seguir: “*Pesquisa-formação na Cibercultura em tempos de pós-verdade*” onde apresentamos nosso fazer metodológico, inspirado na cibercultura e nos cotidianos para bricolagem de um dispositivo de pesquisa-formação. “*Reglus: um Dispositivo de Pesquisa-formação na Cibercultura*” onde revelamos alguns dos achados do Reglus, nosso dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura, na bricolagem de uma diversidade de atos de currículo. Por fim, concluímos compreendendo que é preciso formar educadores ativistas que sejam capazes de “criar, mediar e gerir ambiências educativas”, mesmo em contextos excludentes, segregacionistas e antidemocráticos, uma vez que o docente é fundamental na mediação de todo o processo crítico formativo dos

praticantes nesse cenário complexo e múltiplo de fontes, de dispositivos e de aplicativos pelos quais somos atravessados todos os dias enquanto buscamos informação.

Pesquisa-formação na Cibercultura em tempos de pós-verdade

A emergência das fake news nos diversos meios de comunicação são os fatores que vão possibilitar que vem sendo chamado “era da pós-verdade”. Nesse contexto cibercultural, a pesquisa contemporânea sobre formação de professores precisa abarcar essa relação complexa entre a cultura e as tecnologias digitais em rede, sobretudo, na prática da mobilidade ubíqua.

Em busca de *fazerpensar* ações formativas de verificação de fatos a partir do digital em rede para a proposição de uma educação crítica e democrática capaz de subverter a lógica da desinformação, empreendemos aqui outras e novas proposições do *fazerser* docente em busca de alteração de nossa realidade. Desse modo, nos foi necessário compreender como as questões epistemológicas e metodológicas que tecem esta pesquisa nos unem em cotidiano com os praticantes culturais, para caminhar numa direção multirreferencial que supere os fundamentos da educação (BARBOSA, 1998, p. 11)¹⁴ em contraste com a especificidade e a transmissibilidade do fenômeno.

Se por um lado, minha formação pessoal fosse a responsável pelo crescente interesse de comunicar os processos formativos com a intensificação dos usos do digital em rede e dos dispositivos móveis através de seus aplicativos, por outro, foi somente no GPDOC¹⁵ que eu percebi que elas eram provocações de pesquisa, questões de estudo e disparadores daqueles processos que agora coexistiam em minha mente. O convívio com o grupo de pesquisa me possibilitou a promoção da minha ingenuidade crítica para a emancipação do papel letárgico de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos para finalmente assumir um lugar de desconstrução, do não saber e do esperar uma outra consciência. Uma que fosse mais autoral e política, capaz de condenar a exploração dos excluídos, o

¹⁴ Multirreferencialidade nas ciências e na educação - coordenado por Joaquim Barbosa

¹⁵ Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. Liderado por Edméa Santos desde o ano de 2007. Fonte: <https://bit.ly/meagpdoc>

falseamento da verdade que busca iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso para soterrar o sonho e a utopia (FREIRE, 2011, p. 12).

Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando “curiosidade epistemológica”. A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando, cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente (FREIRE, 2011, p. 22).

Em nossa investigação como grupo de pesquisa, adotamos a metodologia da pesquisa-formação na cibercultura, partindo da nossa itinerância de pesquisa e docência, para compreender como a educação e a docência online, concebidas por Santos (2005) “como fenômenos da cibercultura que se materializam em interface com as práticas formativas presenciais e no ciberespaço mediadas por tecnologias digitais em rede” podem forjar dispositivos de pesquisa-formação através da mediação das interfaces digitais, em âmbito de ensino e pesquisa “a partir do compartilhamento de narrativas, imagens, sentidos e dilemas de docentes e pesquisadores” (SANTOS, 2019).

Pesquisar na cibercultura é dialogar com o momento em que vivemos criando a todo tempo novas táticas no fazer aprender e ensinar. É também assumir que pesquisa e docência são atos imbricados que afetam e são afetados pelas realidades às quais pertencem (ALMEIDA; SANTOS; CARVALHO, 2018, p. 67). Acreditando que, para compreender a complexidade da vida, suas instâncias e *espaçostempos* onde formamos e somos formados, seguimos na essência de pesquisar o cotidiano, suas práticas e elaborações, buscando assim mobilizar processos de constituição de autoria e de conscientização crítica/política suportada pela resistência com/nos fenômenos da cibercultura.

“São muitos os cotidianos de que fazemos parte” (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019) e eles não se reduzem a prática de um ou outro sujeito. Inclusiva ou excludente, cada base ideológica representa a oposição de seres e saberes que nos constitui como humanos, exigindo de nós “um constante repensar das nossas práticas como pesquisadores”. E é em

busca de repensar nossa prática, em formação e como formadores, que propusemos esse trabalho: o de formar *docentesdiscentes* para o ativismo coletivo nas redes.

É nesse sentido que escolhemos caminhar pelos caminhos da pesquisa-formação na cibercultura entendendo que é através do caminhar pelas inspirações do cotidiano no campo da pesquisa que os praticantes culturais poderão tecer suas teias de subjetividade em órbita e em profundidade na subversão dos dispositivos da pesquisa. Em busca de assumir definitivamente essa incompletude desse nosso ser docente, de atestar essa impossibilidade de um único ser humano ser dotado dessa capacidade quase mediúnica de reunir em uma só carne, todos os conhecimentos, todas as competências da complexidade (LEVY, 1993, p.76), precisamos *ensinaraprender* como empreender novos mergulhos pela essência da coletividade. Temos que nos comprometer em um processo permanente de busca, em busca de sempre manter a curiosidade, de sempre questionar e repensar a ideia de que há uma única resposta objetivamente correta e que todas as outras estão equivocadas e de que não há uma única verdade objetiva e que diferentes respostas podem estar igualmente corretas (SANTAELLA, 2018, p. 40).

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades (...) (dos cotidianos escolares e outros) exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada [...] (circunstância ou acontecimento) buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que [...] [estão colocados] a cada ponto do caminho diário (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 18).

Caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores colocados a cada ponto do caminho em busca de conhecer novas histórias. Para aprender outras formas de interação com o conhecimento e revelar novos estilos de aprendizagem é preciso proporcionar oportunidades de auto reconhecimento narrativo através da pluralidade de experiências e formatos do processo formativo, criando o poder de afetar e ser afetado pela sua própria linguagem em um mundo de possibilidades em um escopo infinito.

O coletivo da bricolagem até aqui apresentada representam algumas das contribuições elementares e a soma dos indícios e desdobramentos que nos levaram ao ponto de partida de nossa empreitada. Que mesmo agora, repletos de narrativas e achados pelo tempo, não

sabemos ainda como seremos percebidos pelo mundo. Embora haja o risco de sermos levados pelas ondas do mar do esquecimento e da dissolução, sorvemos esse risco como “ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história” (FREIRE, 2000, p.16). Desse modo, nos digerimos com o medo para narrar nossa história e nos refazemos com Freire para atuarmos nessa nova perspectiva de educação midiática com/por docentes pelo ciberespaço.

Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade sendo exercida ou sem liberdade pela qual, sendo negada, se luta. Não haveria cultura nem história sem risco, assumido ou não, quer dizer, risco de que o sujeito que o corre se acha mais ou menos consciente. Posso não saber agora que riscos corro, mas sei que, como presença no mundo, corro risco. É que o risco é um ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história. Daí a importância de uma educação que, em lugar de procurar negar o risco, estimule mulheres e homens a assumi-lo (FREIRE, 2000, p.16).

Assim como a inovação, a criatividade, a curiosidade e a liberdade modificam a cultura e a história, a luta pela liberdade é condicionante do sujeito que se percebe consciente. Daquele que constata para mudar e não para acomodar, e daquele que usa a sua criatividade, a despeito dos riscos, para efetivar sua presença no mundo como agente de mudança. De modo que, assim como o risco é ingrediente necessário à mobilidade cultural, assim concebemos o Reglus como proposta de assumir nossos riscos e forjar uma educação que estimule outrem a assumi-lo. Com a cibercultura, a forma como buscamos e consumimos informação mudou drasticamente, assim como o modo como verificamos, avaliamos e pesquisamos as fontes dessas informações. Não devemos ter medo de assumir nossa letargia diante do fenômeno, mas não podemos mais ficar acomodados.

Entendendo que precisamos aprender a identificar e pensar criticamente nesses novos espaços de produção de informação é que desenvolvemos essa iniciativa. O Reglus é, portanto, como dispositivo de pesquisa-formação online na cibercultura, “contexto, campo de pesquisa e dispositivo formativo” (SANTOS, 2019, p. 20) que fundamenta todas as práticas de produção com os outros dispositivos de nossa pesquisa.

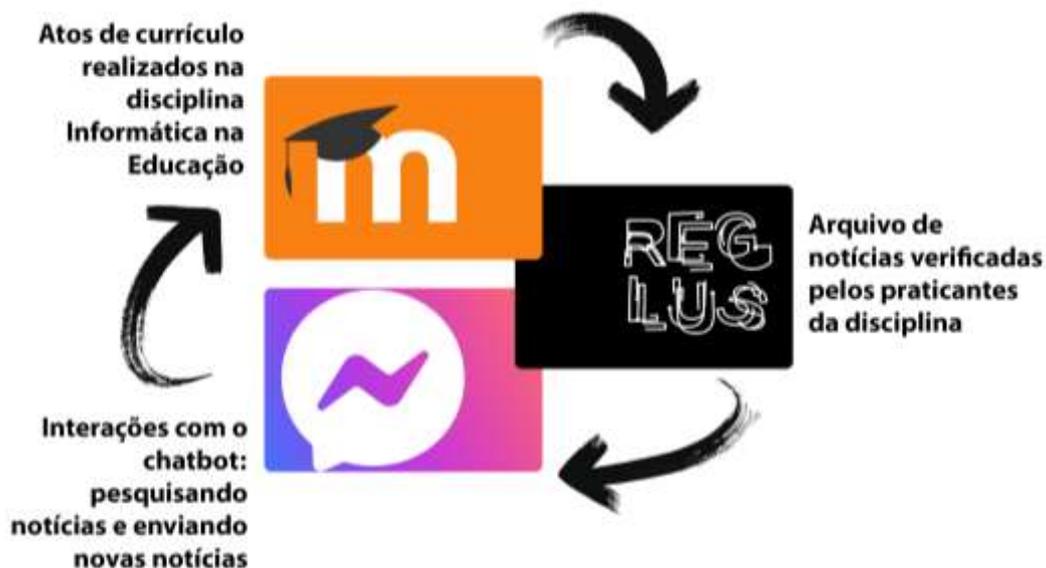


Figura 1 - Relação dialógica do dispositivo Reglus

Fonte: Elaborado pelos autores.

A plataforma tem como proposta a bricolagem de uma diversidade de dispositivos de pesquisa-formação, entre os quais destacamos:

1. As aulas da disciplina Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ, na realização das atividades de pesquisa, análise dos debates em fóruns de discussão online, observação das práticas pedagógicas via ambiente virtual de aprendizagem.
2. A criação e manutenção de um repositório online de notícias confiáveis, curado e alimentado pelos praticantes culturais da disciplina onde docentes e discentes fazem aprendem como atuar como agência de checagem de fatos, isto é, um confronto de histórias com dados, pesquisas e registros.
3. A aplicação de inteligência artificial coletiva na atuação direta (com a interação dos praticantes com os dispositivos, ao pesquisar, nas publicações de notícias no *feeds* de mídias sociais, a incidência de notícias falsas, respondendo com a informação fatural verificada) e indireta (com a criação e

manutenção de um *chatbot* que responde pesquisas acerca de veracidade de notícias no Facebook, WhatsApp e no Twitter).

Veremos a seguir como os atos de currículo vividos com nossos praticantes estão divididos em quatro grandes momentos que compõem as aulas da nossa disciplina. Em busca de provocarmos uma educação para atuar com as mídias e introduzir o tema da verificação de fatos na educação. Atuamos com nossos praticantes culturais para brincar fundamentação teórica, crítica e prática formativa de modo a identificar, combater e propor um contradiscurso as fake news de modo a lançar mão de nossos dispositivos para fazer a verdade viralizar.

Reglus: um Dispositivo de Pesquisa-formação na Cibercultura

Pela associação do caráter formativo de atos de currículo propostos em ambientes virtuais de aprendizagem que acionam possibilidades educativas de aplicativos, objetivamos habilitar uma geração de educadores que situe suas práticas às condições pragmáticas do tempo em que vivemos, mas que conscientes de serem seres de/em alteração, estejam assim também engajados com a causa de serem agentes de transformação no mundo.

O conceito de atos de currículo está pautado no argumento de que interativamente, numa incessante atribuição de sentidos, todos os envolvidos com as questões curriculares, a partir da sua posição política, são atores curriculantes. Essa é, acima de tudo, uma radicalidade epistemológica e pedagógica envolvendo a problemática da construção social de currículos e seus analisadores. A partir dessa perspectiva construcionista, agrega-se aqui um conjunto de elaborações teóricas advindas da etnometodologia, para a qual as “ordens sociais” são estruturadas através dos etnométodos dos membros que instituem essas “ordens” (MACEDO, 2013, p. 427).

Assim, através dessas construções sociais de currículos pelos seus atores curriculantes, propusemos ambiências de educação midiática inspirada pelo *fact-checking*. Fact-checking ou checagem de fatos é o método jornalístico pelo qual é possível certificar se a informação apurada foi obtida por meio de fontes confiáveis e, então, avaliar se é verdadeira ou falsa, se é

sustentável ou não¹⁶. Desse modo, na bricolagem da educação com a verificação de fatos, cocriamos com os praticantes da disciplina um repositório online de informação confiável inspirado pelas normas e práticas das agências de checagem de fatos em atuação no Brasil (Aos Fatos, Lupa) e no mundo (Instituto Poynter e todos que compoem a rede internacional de verificação de fatos), pelas atuais iniciativas do jornalismo independente (The Intercept Brasil) e de desmonetização de disseminadores de *fake news* (Sleeping Giants Brasil). O resultado pode ser conferido em nossa página: Reglus – Um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura¹⁷

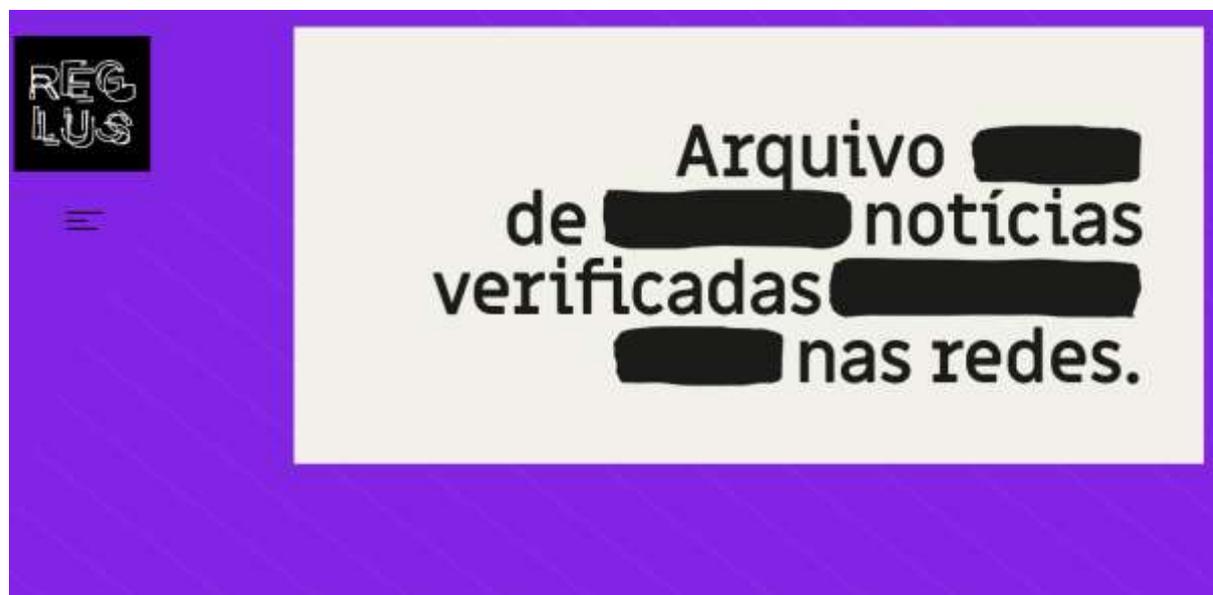


Figura 2 - Repositório online do dispositivo Reglus

Fonte: Elaborado pelos autores.

Entendemos também que todos os praticantes da pesquisa são agentes de sua própria formação, de forma que, ao produzirmos com eles atos de currículo, intencionamos proporcionar novas perspectivas de “*aprendizagemensino*” que nos ajudem a compreender a formação enquanto um fenômeno que se realiza implicando e entretecendo o existencial, o sociocultural e o pedagógico (MACEDO, 2010, p. 28).

¹⁶ O que é checagem de fatos ou fact-checking? Fonte: <https://bit.ly/aosfatosfc>

¹⁷ Reglus – Um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura. Disponível em: <http://reglus.me/>

Os atos de currículo fazem parte da práxis formativa, trazem o sentido de não encerrar a formação num fenômeno exterodeterminado pela mecânica curricular e suas palavras de ordem, por consequência, não vislumbram os formandos e outros atores/autores da formação como meros atendentes de demandas educacionais, tão pouco aplicadores de modelos e padrões pedagógicos (MACEDO, 2012, p.72).

Em nossos trabalhos, não investigamos o cotidiano em busca de confirmar a teoria, mas para entregar-nos a volatilidade da deslocação pela exploração. Para constituir-se na efemeridade daquilo que circula nesses “*espaçostempos*” e para compreender o que hoje é incompreendido pela inerência desses dispositivos, dessas máquinas da irrealidade, para a noção de que esses dispositivos podem ser entendidos, também, “como sendo de prazer, inteligência, imaginação, memória e solidariedade” (ALVES, 2009, p. 16-17). Bricolamos uma multiplicidade de “*espaçostempos*” para cercar-nos de nossas “astúcias sutis” em favor de outras práticas docentes que nos permitam combater, com grande diversidade, os males que assolam o nosso fazer comum.

A presente pesquisa-formação na cibercultura teve como campo de pesquisa o cotidiano da disciplina Informática na Educação do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância pela UERJ em parceria com o consórcio CEDERJ. A disciplina Informática na Educação, promovida pela coordenação do curso de pedagogia da UERJ, foi pensada em um desenho didático híbrido que conversa com aplicativos e softwares sociais e está arquitetada no Moodle¹⁸, uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em *software* livre em que todos interagem criando e cocriando o conhecimento e suas aprendizagens.

Pesquisar com/no Moodle é hoje muito mais que uma opção metodológica, mas um ato de reconhecimento a sua contribuição social e cultural, por permitir que praticantes culturais geograficamente dispersos, em capilaridade de cursos, polos e múltiplas identidades culturais possam estar inseridos com os seus pares através de interação no digital. Uma inovação que, no momento atual, demonstra ainda mais a importância de posicionar a educação online não apenas como uma alternativa ao ensino presencial, mas como a única configuração viável e

¹⁸ O Moodle é uma plataforma de aprendizagem projetada para fornecer a educadores, administradores e alunos um único sistema robusto, seguro e integrado para criar ambientes de aprendizagem personalizados. A plataforma é utilizada por alunos e professores como ferramenta de apoio ao ensino a distância - EAD em mais de 220 países. Fonte: <https://bit.ly/aboutmoodle>

segura em perspectiva de garantir, graças ao suporte tecnológico, a manutenção da vida, na promoção das políticas de distanciamento físico.

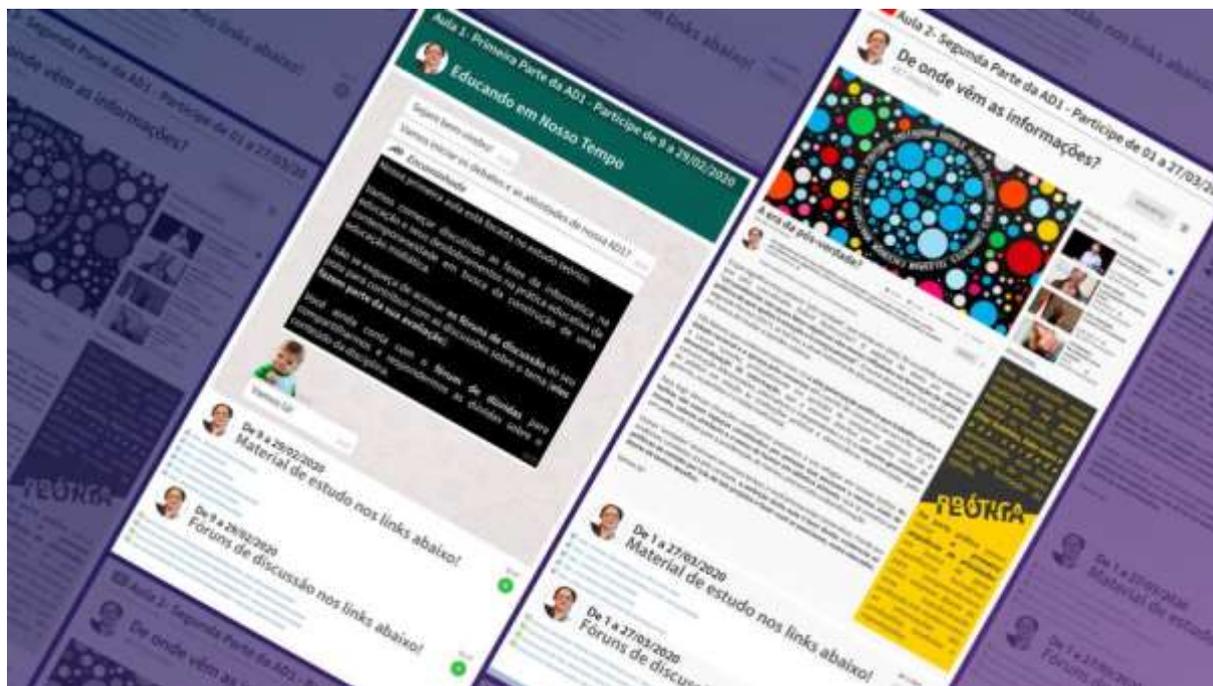


Figura 3 - Desenho didático da disciplina

Fonte: Elaborado pelos autores.

O desenho didático buscou ser capaz de compreender o fenômeno das *fake news* e seus desdobramentos na sociedade para perceber de que forma eles modificam as formas de atuação e formação docente na contemporaneidade. Modificando e sendo modificados pelas mutações do fenômeno, forjamos outros prolongamentos¹⁹ em perspectiva de abarcar também a emergência de investigar como essa guerra de narrativas vem atentando contra a vida e a integridade dos seres humanos, sobretudo durante a pandemia da Covid-19.

O dispositivo acionado foi a criação do Reglus. O nome Reglus foi escolhido como uma homenagem ao grande educador e filósofo brasileiro Paulo **Reglus** Neves Freire em um contradiscurso à onda conservadora que busca censurar as vozes de professores e alunos assim como sua pedagogia. Desse modo, o Reglus é um dispositivo criado por professores

¹⁹ Reglus – Um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura. Disponível em: <http://reglus.me/>

para organizar um movimento que busca difundir opinião e informação, agregar pessoas e promover ações físicas e digitais para expressar um contradiscurso em relação aos problemas cotidianos causados pelas *fake news*". É desse modo, inclusive, que o *chatbot*²⁰ "se percebe" e responde quando lhe perguntam "quem é você?"²¹ Uma interação que parece bem simples, mas que resulta de muitas outras intenções e interações formativas entre *docentesdiscentes* em multiplicidades de redes.

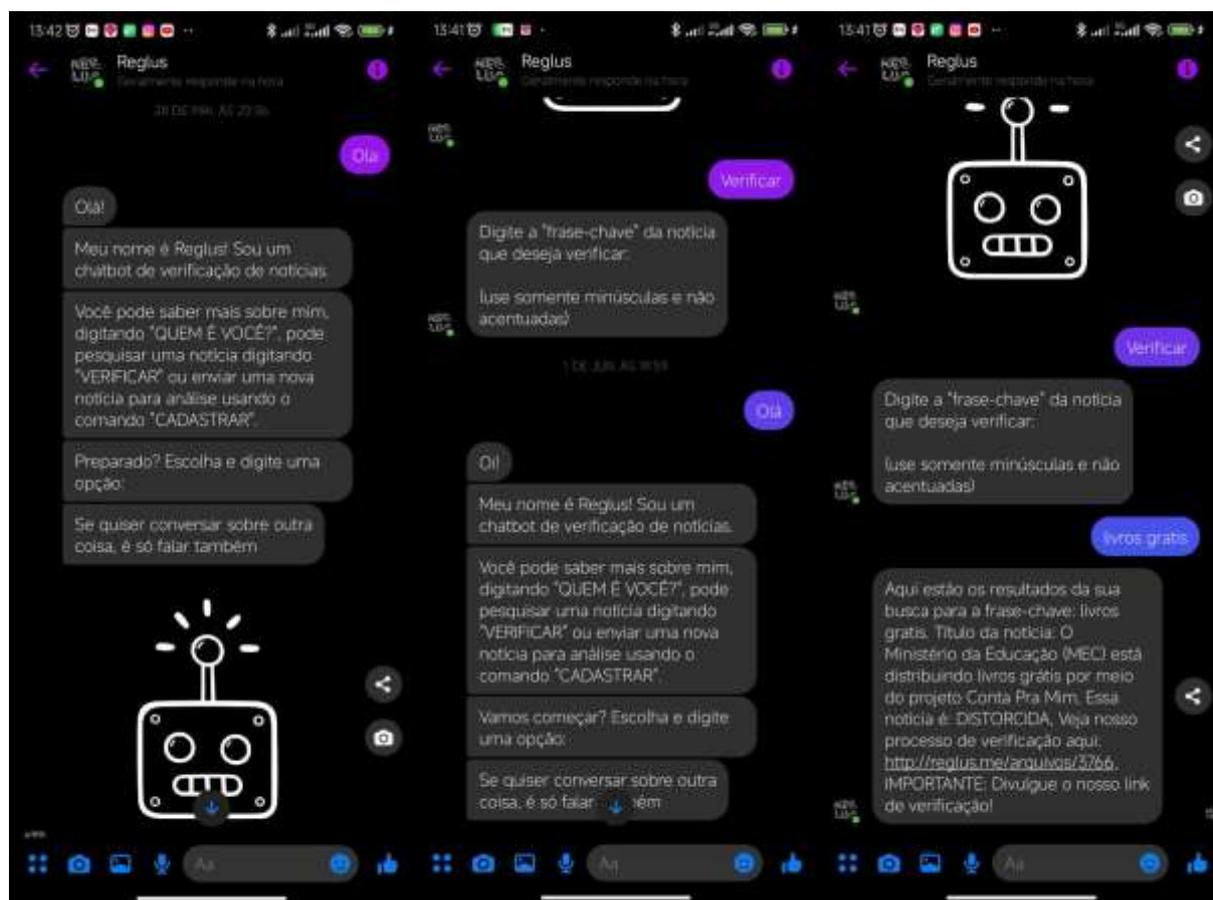


Figura 4 – Captura do *chatbot* do Reglus no Messenger

Fonte: Captura de tela do *messenger* do Facebook.

²⁰ Chatbots para a formação docente: novas possibilidades de aprendizagem em rede. Fonte: <https://bit.ly/chatbotscivitas>

²¹ Link para acessar o *chatbot* do Reglus: <https://www.messenger.com/t/reglusbot>

Inspirado na cibercultura e nos princípios de verificação de fatos, ele atende as exigências necessárias para despertar o docente de nosso tempo, para que se perceba como oprimido e lute pela sua libertação através de todas as armas que tiver a mão: do giz ao aplicativo, da prática a teoria, do corpo ao ciber em defesa e perpetração da educação, sendo, portanto, ciente de seu empoderamento para tecer sua própria cidadania.

Em tempos atuais, a ignorância que enfrentamos nesse trabalho está profundamente mais ocupada com a propagação maciça de versões do que com a publicização da veracidade dos fatos, dados e eventos (SANTAELLA, 2021, p. 76). Uma ignorância que, por não saber sequer que ignora ou por não ter a preocupação de ignorar, contrai uma gramática e a reproduz em falsa notícia embrulhada em faceta de verdade²².

Seja pela questão da incapacidade, de forma redutiva, de se fazer distinguir a origem da mensagem da finalidade da mesma ou pela atuação sistêmica desses indivíduos de forma a preencher a lacuna deixada pela incapacidade intencional do Estado, das mídias de comunicação em massa e de outros componentes constitutivos (no processo decorrente de ausentar-se da responsabilidade legal de prestar informação sobre políticas públicas, governo e sistema político). De combater o alastramento dos processos empregados pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado em busca de encobrir ou desviar a atenção de seus interesses escusos através da mentira. Segue adiante o processo que busca impossibilitar que a tomada de decisões políticas, sejam elas individuais ou coletivas, constitua um ato democraticamente consciente de acompanhamento da política e do engajamento da nação na defesa de seus interesses.

Isso posto, mesmo que estejamos em busca de eliminar a ignorância sistêmica, não podemos estar confundidos para eliminar os ignorantes²³. Afinal, segundo Boaventura (2019, p. 69), toda ignorância é ignorância de um dado tipo de conhecimento e todo conhecimento consiste em ultrapassar um certo tipo de ignorância. Essa noção levanta importantes desdobramentos em busca de compreender como a nossa ignorância desses processos, do funcionamento dos

²² Jean Wyllys: "Quero Um Mundo Melhor!" - Muka. Disponível em: <https://bit.ly/mukajeanwyllys>

²³ O slogan de Indira Gandhi durante a campanha eleitoral era 'Garibi Hatao' (eliminar a pobreza), mas os pobres inverteram-no para 'Garib ko hatao' (eliminar os pobres). - Boaventura de Sousa Santos, 2013, p. 121

mecanismos dessa indústria de propagação da pós-verdade, pode ser também responsável pelo nosso atraso em erigir figuras identitárias e representativas de boas práticas e de projetos mais bem intencionados. Afinal, o saber que ignora é o mesmo saber que ignora os outros saberes que com ele partilham a tarefa infinita de dar conta das experiências do mundo, sejam elas inclusivas ou excludentes.

A designação ‘douta ignorância’ pode parecer contraditória, pois o que é douto é, por definição, não ignorante. A contradição é, contudo, aparente já que ignorar de maneira douta exige um processo de conhecimento laborioso sobre as limitações do que sabemos. Em Nicolau de Cusa há, por assim dizer, dois tipos de ignorância, a ignorância ignorante, que não sabe sequer que ignora, e a ignorância douta, que sabe que ignora e o que ignora. [...] A finitude de cada saber é assim dupla, constituída pelos limites do que conhece sobre a experiência do mundo e pelos limites (quicá bem maiores) do que conhece sobre os outros saberes do mundo e, portanto, sobre o conhecimento do mundo que outros saberes proporcionam. É sobretudo a diversidade epistemológica do mundo que causa incerteza no tempo atual. O saber que ignora é o saber que ignora os outros saberes que com ele partilham a tarefa infinita de dar conta das experiências do mundo (SANTOS, 2013, p. 458).

Desse modo, nesse processo implicado de conhecimento sobre as limitações do que sabemos, nos inspiramos na ecologia de saberes²⁴ que é como Boaventura define essa legitimidade e a esse desejo de que todos os saberes se beneficiem do reconhecimento social, da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna), em busca de estabelecer interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia (ibid, p. 45). Baseando-se assim na utopia de aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios (p. 47) para a transformação do processo formativo em ato que seja pautado por esse reconhecimento ao ser em si mesmo. Partimos das características estruturantes e propositivas que nos tornam permanentemente abertos à dialogia, à dialeticidade e suas formas criativas de compreender e efetivar, para constatar que a aprendizagem só existe porque a incompletude e a insuficiência são inelimináveis, embora nós mesmos não sejamos (MACEDO, 2013, p. 80).

²⁴ “Na década de 1970, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos morou quatro meses na favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro. A convivência com os habitantes foi a matéria-prima para a sua proposta de ecologia de saberes, que combina o arcabouço científico com o conhecimento popular. Para ele, as universidades devem “se descolonizar”, se abrir, por exemplo, à sabedoria dos povos indígenas como base para uma nova relação com a natureza. As instituições, em sua tradição de séculos, não podem se reduzir a fábricas de diplomas, adverte. “A alternativa é a de continuarem centros de conhecimento livres, críticos e independentes.”” Ana Paula Acauan. Fonte: <https://bit.ly/ecologiadessaberespuc>

Considerações finais

Nesse sentido, embora o medo implique na falta de confiança em nós mesmos, na negação do risco (FREIRE, 2013, p. 34), a esperança nasce do coração mesmo da pedagogia que tem o oprimido como sujeito (BOFF, 2004, p. 12). A partir da denúncia das injustiças sociais e das opressões que ocorrem no centro de toda a nossa história contemporânea, podemos subverter os mecanismos empregados na perpetuação do estado de fatalidade, de nossa situação perversa. Enquanto verificamos a capacidade humana de desconstruir sentidos que entorpecem nossa condição de construir o sonho de um futuro eticamente mais justo, politicamente mais democrático, esteticamente mais irradiante e espiritualmente mais humanizador (ibid).

A este propósito, é imperativo que cada um de nós, declaremos nosso lado nessa guerra de narrativas onde não se posicionar é também um posicionamento. A nossa responsabilidade uns para com os outros, com a nossa geração e com a futura demanda que toda a comunidade social se envolva na resolução desse problema, compreenda os diversos projetos que o compõem e assuma determinada atitude para concretizar o ideal da liberdade e da democracia. Em 2018, mais de 31 milhões de brasileiros e brasileiras escolheram a omissão²⁵ diante do dever de agir de modo a impedir o avanço da degradação da vida e a reparar não somente uma destituição injusta, mas também um impedimento parcial em favor de um estado de desolação. Embora possa ser atribuído a diversas figuras uma igual parcela dessa responsabilidade, a maior verdade é que os dispositivos disponíveis para a imposição e da possibilidade de evitação do fato estavam à nossa disposição, mas não foram utilizados.

Nesse sentido, o sonho desse professor é que essa história não repita, que não tenha ela um novo e mais desolante capítulo. Ainda em 2018, às vésperas de defender minha dissertação de mestrado, lembro do quanto eu desejava que aquele presságio não acontecesse enquanto escrevia #EleNão²⁶ no texto final daquele que seria o meu fundamento para esse novo

²⁵ Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos. Brancos 2.486.593 (2,14%), Nulos 8.608.105 (7,43%) e Abstenções 31.371.704 (21,30%). Fonte: <http://glo.bo/3LqmeWZ>

²⁶ “Hoje vivemos esse contexto de insegurança, traição e incerteza acerca do futuro de nosso país que não pode ser depositado nas mãos de alguém que apoie a tortura e a segregação. #elenão”. Atos de Currículo na Perspectiva de App-learning. Disponível em: <https://bit.ly/atosemapp>

trabalho. E neste mesmo momento, tão similar aquele, onde me vejo tomado pelo mesmo sentimento de medo que surge através da possibilidade de resignação desta situação percebo que a única condição estável, prudente e estática é a morte²⁷. Portanto, sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e em meio a incerteza e o medo, não entendo mais a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho (FREIRE, 2013, p. 14).

O essencial desta Pedagogia da Esperança que aqui empreendemos, é que ela, enquanto necessidade natural de transformação da realidade e da existência, rompe com a omissividade para ancorar-se, na prática de luta social do esperar. Por que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura (ibid), mas na luta contra a dominação e a opressão, e isso faremos em todos os dispositivos que os fazem pensar que o seu poder não será contestado.

É porque acreditamos em transformar pessoas, que estivemos com outros, mediando uma formação por diferentes dispositivos. Não teríamos ultrapassado o nível de mera adaptação do docente a cibercultura se não estivéssemos implicados com a necessidade de, pensando a própria formação, nos servirmos dela para programar uma transformação de nossa práxis em uma educação libertadora, em uma prática utópica.

As passagens mais bonitas das obras de Paulo Freire são as que ele escreveu sobre o sonho e a utopia. Paulo Freire era um educador voltado para o futuro. A leitura de Paulo Freire deveria começar sempre por essa porta de entrada, a porta da utopia [...]. A utopia é o que ele chamaria de um tema “epocal”. Para ele, epocal é o tema que sintetiza uma preocupação ampla e convergente de toda uma época (GADOTTI, 2007, p. 15).

No esforço de sintetizar as preocupações e convergências de nossa época, partimos pela utopia de Freire, para iniciar um diálogo sistematizado com as redes que recebem a nossa pesquisa. Inspirando-nos e inspirando-os para estabelecer mais uma interferência em nossa reflexão pedagógica, em nossa autoria. Para modificarmos algumas dessas mazelas no futuro

²⁷ “Percebo que se fosse estável, prudente e estático, viveria na morte. Portanto, aceito a confusão, a incerteza, o medo e os altos e baixos emocionais, porque esse é o preço que estou disposto a pagar por uma vida fluida, rica e excitante.” Carl Rogers (1902-1987).

de nossa nação, de modo a perceber como essas experiências de vida e formação, “das quais nem fazíamos ideia da existência”, podem proporcionar outras compreensões futuras, outras existências significativas do fazer docente diante da problemática da pós-verdade.

Referências

ALMEIDA, Wallace.; SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe. **Autorias Colaborativas via Aplicativos em Rede: APP - Docência em Atos de Currículo.** em: *Tecnologias e Educação Digital: diálogos contemporâneos*. Cruz das Almas, Ba: UFRB, 2018. p. 201-224. Disponível em: <http://bit.ly/livrotecnologias>. Acesso em: 4 nov. 2020.

ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas:** sobre rede de saberes. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2009.

ANDRADE, Nivea, CALDAS, Alessandra ALVES, Nilda. **Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas 'conversas' acerca deles** em: Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas - Curitiba : CRV, 2019. 256p.

ARDOINO, Jacques. **Abordagem Multirreferencial (Plural) das Situações Educativas e Formativas.** em: Multirreferencialidade nas ciências e na educação (pp. 24-41). São Carlos: Editora da UFSCar. 1998.

BARCELOS TN, MUNIZ LN, DANTAS DM, COTRIM JUNIOR DF, CAVALCANTE JR, FAERSTEIN E. **Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil.** Rev Panam Salud Publica. 2021;45:e65. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65> Acesso em 13 jun. 2022.

BOFF, Leonardo. **Pedagogia da esperança [recurso eletrônico]:** um reencontro com a pedagogia do oprimido / [prefácio] 2004 - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Boletim observatório covid-19. **Balanco de dois anos da pandemia Covid-19** Janeiro de 2020 a janeiro de 2022. Disponível em: <https://bit.ly/boletimcovidfc>. Acesso em 13 jun. 2022.

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 15. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 2008.

COSTA, José Fernando Andrade. **Quem é o “cidadão de bem”?** Psicologia USP, 2021, volume 32, e190106 <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190106>. Acesso em 13 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação** [recurso eletrônico]: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** [recurso eletrônico]: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar** / Moacir Gadotti. – 1. ed. – São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1993.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender e mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Liber Livro, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de Currículo e Formação: O Príncipe Provocado**. Revista Teias v. 13 • n. 27 • 67-74 • jan./abr. 2012 – CURRÍCULOS: Problematização em práticas e políticas. 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo e Autonomia Pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2018. 98 p.

SANTAELLA, Lucia. **De onde vem o poder da mentira?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2021. 124 p.



SANTOS, Edméa. **Educação Online:** cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. 2005. 351 f. Tese (Doutorado) Salvador, Bahia, 2005. Disponível em: <http://bit.ly/tesedmeasantos1>. Acesso em: 3 mai. 2022.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-Formação na Cibercultura.** Teresina: EDUFPI, 2019. 223 p. Disponível em: <http://bit.ly/pesquisafor2019>. Acesso em: 3 mai. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo:** a afirmação das epistemologias do Sul / Boaventura de Sousa Santos. 1. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** Boitempo Editorial. 2020.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.